

ROMA

BIBLIOTECA

Jornal

Correio da Bahia

Data

04.02.91

Código

Página

Quinze Bloco 5

Seção

Assunto

Baiano (Roma)

O referencial na área da Península Itapagipana

Fotos de Ailton Cordeiro



Na Cidade Baixa, todos os caminhos passam pelo bairro de ares comercial

Ana Paula Ramos

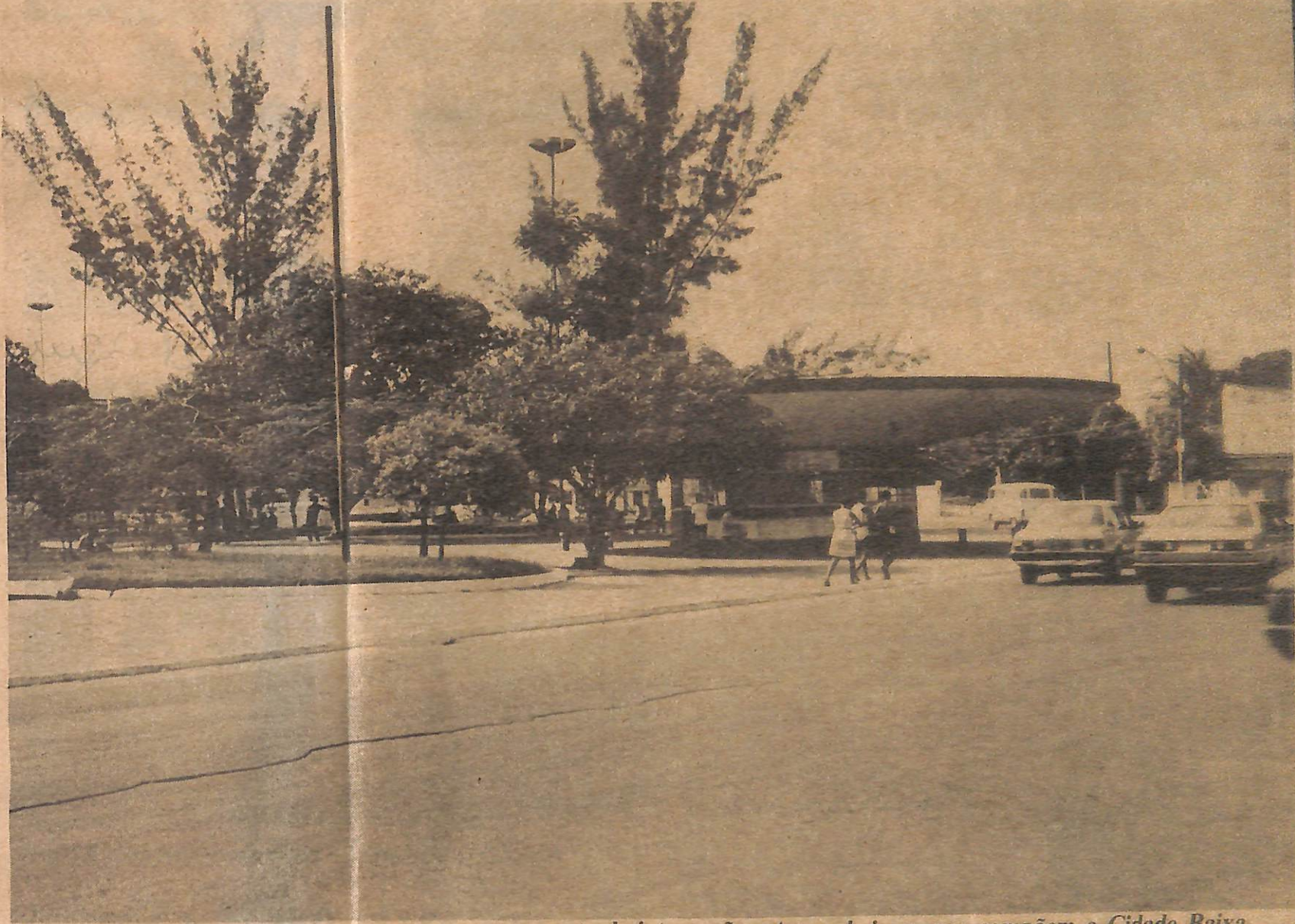
Todos os caminhos da Cidade Baixa passam por Roma — espécie de entroncamento que funciona como referencial para os bairros da área. Da característica residencial, quase interiorana, comum a toda a Península Itapagipana, Roma evoluiu e tomou ares de centro comercial, num processo que se estende há pelo menos uma década. O crescimento neste setor coincidiu com o acirramento das campanhas pela retirada da Chadler, fábrica de chocolate instalada no bairro há 48 anos. Não sem motivo, o comércio de Roma ganhou uma boa quantidade de óticas, clínicas especializadas em oftalmologia e pneumologia e casas funerárias.

A própria comunidade atesta a mudança do perfil do bairro. "Irmã Dulce é o melhor exemplo dos prejuízos que a Chadler trouxe à população", critica o bancário Rodrigo Mendes Souza, 27 anos e há dez morando no local. O Hospital Santo Antônio, que integra as obras assistenciais da religiosa, fica na Avenida Dendzeiros que, junto com as avenidas Luiz Tarquínio e Tiradentes (antigo Caminho de Areia) compõem o trevo que dá acesso aos principais bairros da Cidade Baixa. Bem servido de transporte, farmácias e lanchonetes, Roma conta com duas grandes escolas — a Adventista e a Abílio César Borges — além do PAM-Roma, um dos maiores postos de atendimento do Inamps, e do 4º Centro de Saúde.

Tranquilidade — O Largo de Roma, apesar da área verde, não tem opções de lazer para a comuni-

dade. A tranquilidade do local desaparece ao anoitecer e nem transitar por ali é recomendável. "Só restam duas praças como essa em Salvador — a do Campo Grande e de Roma — mas a prefeitura nada faz para torná-las mais atrativas", observou o comerciante José Carlos de Melo, 38, que montou um bar numa das antigas salas do Círculo Operário. E a partir desta entidade que se pode explicar muito da história do bairro, inclusive a origem do nome. O atual Largo de Roma era conhecido como a Praça da Bandeira. "Só passou a ter o nome de hoje depois que foi fundado o Cine Roma, batizado pelos diretores do Círculo, na época", explicou o atual presidente da entidade, Lourival Pires.

A tendência do bairro à serenidade não foi herdada das reuniões polêmicas de políticos e ativistas sindicais, sediadas no Círculo Operário. Muito menos da pornochanchadas nacionais exibidas no Cine Roma na década de 70. Mas resistiu até ao avanço da violência urbana que transformou as antigas casas de portas abertas, com jardins e varandas, em miniaturas de fortalezas gradeadas. Na Praça André Rebouças, um dos últimos redutos interioranos da cidade, os meninos ainda correm atrás da bola e os aposentados reservam um tempo para intermináveis jogos de dominó. Perto dali, na Rua 24 de Janeiro, o presidente da Associação de Moradores de Roma, Antônio Carlos Guimarães, lembra a comunidade que a luta pela qualidade de vida no bairro tem que continuar. E ele o líder da campanha que conseguiu impedir a renovação do alvará de funcionamento da Chadler no local.



Roma lembra uma cidade de interior e serve como ponto de integração entre os bairros que compõem a Cidade Baixa

Blocos expõem as origens

De um lado, a renovação do Cheiro de Amor. Do outro, a irreverência do Mariposas de Roma. Entre os dois estilos, não há disputa pela preferência dos moradores do bairro. Tanto o Cheiro quanto o Mariposas têm lugar garantido na história do local e fazem questão de manter a tradição e expor as origens. No Carnaval de Salvador, Roma já conquistou seu espaço.

Na Rua Antônio Francisco Brandão, uma casa de dois pavimentos, funciona como sede administrativa e estúdio da banda do Cheiro de Amor. O bloco nasceu em 1980, com uma diretoria composta por moradores da Península Itapagipana. A discriminação inicial sofrida por se tratar de uma entidade da Cidade Baixa — quando, tradicionalmente, os mais importantes blocos de Carnaval tinham sede em bairros nobres — foi rebatida pelo Cheiro com o carisma irresistível na avenida e pelo grande sucesso da banda.

Sucesso — Há quatro anos a sede social do bloco funciona na Barra, mas a diretoria faz questão de manter o escritório de Roma. É a única entidade do Carnaval baiano que mantém duas sedes e a tradição de inovar na avenida. O Cheiro de Amor já jogou perfume, confete, serpentina e até rosas para os foliões. No ano passado, ao com-

pletar dez anos de existência, os associados comemoraram no melhor estilo: brindando com champagne. Do preconceito ao sucesso, o Cheiro é hoje um dos mais requisitados blocos da cidade e sai este ano com 1.700 integrantes.

Sem ter que lutar tanto para se afirmar, dentro do esquema oficial do Carnaval, por já ter nascido com uma proposta essencialmente marginal, o Mariposas de Roma está registrado oficialmente há cinco anos, apesar de ter sido fundado em 1969. A sede fica num casarão de dois pavimentos em frente ao Círculo Operário, na Avenida Luiz Tarquínio. Uma média de 600 a mil pessoas desfilarão neste bloco de travestidos, que foi campeão do Carnaval em 89 e vice no ano passado.

Tradicionalmente, a fantasia dos componentes não é padronizada e todos podem usar e abusar da criatividade. A marca do bloco é um adereço especial — leques, fitas e até borboletas. Mas a proposta é criar uma fantasia única no ano que vem, para evitar as adesões de última hora — aqueles que não são associados e aproveitam a infra-estrutura do bloco para passar um Carnaval mais tranquilo. A irreverência é o ponto alto desta entidade que dá um toque especial ao Carnaval de rua de Salvador.



A tranquilidade é um dos maiores atrativos do lugar

QUEM/Alberto Barreto

Folião das Mariposas



Ele é técnico em Educação Física, mas ignora todos os preconceitos e desfila no bloco dos travestidos

Ele é técnico em Educação Física há dez anos. Mas, nas horas vagas, troca os movimentos viris dos ginásios de esporte pelo ambiente descontraído da sede do Mariposas de Roma, um bloco de travestidos, fundado há 22 anos. Ignorando os preconceitos, Alberto Lázaro Sá Barreto, o "Betão", 31 anos, mora em Roma há 25 e é o atual presidente do Mariposas. Atualmente desempregado, ele passa quase o dia inteiro na sede do bloco, na Luiz Tarquínio, cuidando dos últimos detalhes para o desfile da entidade no Carnaval de

91.

Solteiro, "Betão" mora com a família na Rua da Palestina — transversal da Rua Conselheiro Zacarias, onde está instalada a Chadler — e a maior queixa que tem do bairro é com relação à poluição causada pela fábrica de chocolate. Hoje ele tem alergia respiratória e apóia todas as campanhas da comunidade para a retirada da Chadler. "Betão" também reclama de problemas estruturais do bairro, como a precariedade da rede de esgotos, mas ainda acha que é um bom lugar para viver, "por causa da tranquilidade".

O QUE/Círculo Operário

Em defesa do trabalhador

Quem passa hoje pelo Largo de Roma e observa a construção quase em ruínas que ocupa parte da Avenida Luiz

opulações e critica o baiano Rodrigo Mendes Souza, 27 anos e há dez morando no local. O Hospital Santo Antônio, que integra as obras assistenciais da religiosa, fica na Avenida Dendzeiros que, junto com as avenidas Luiz Tarquínio e Tiradentes (antigo Caminho de Areia) compõem o trevo que dá acesso aos principais bairros da Cidade Baixa. Bem servido de transporte, farmácias e lanchonetes, Roma conta com duas grandes escolas — a Adventista e a Abílio César Borges — além do PAM-Roma, um dos maiores postos de atendimento do Inamps, e do 4º Centro de Saúde.

Tranquilidade — O Largo de Roma, apesar da área verde, não tem opções de lazer para a comuni-

Roma na década de 70. Mas resistiu até ao avanço da violência urbana que transformou as antigas casas de portas abertas, com jardins e varandas, em miniaturas de fortalezas gradeadas. Na Praça André Rebouças, um dos últimos redutos interioranos da cidade, os meninos ainda correm atrás da bola e os aposentados reservam um tempo para intermináveis jogos de dominó. Perto dali, na Rua 24 de Janeiro, o presidente da Associação de Moradores de Roma, Antônio Carlos Guimarães, lembra a comunidade que a luta pela qualidade de vida no bairro tem que continuar. É ele o líder da campanha que conseguiu impedir a renovação do alvará de funcionamento da Chadler no local.



Roma lembra uma cidade de interior e serve como ponto de integração entre os bairros que compõem a Cidade Baixa

QUEM/Alberto Barreto

Folião das Mariposas



Ele é técnico em Educação Física, mas ignora todos os preconceitos e desfila no bloco dos travestidos

Ele é técnico em Educação Física há dez anos. Mas, nas horas vagas, troca os movimentos viris dos ginásios de esporte pelo ambiente descontraído da sede do Mariposas de Roma, um bloco de travestidos, fundado há 22 anos. Ignorando os preconceitos, Alberto Lázaro Sá Barreto, o "Betão", 31 anos, mora em Roma há 25 e é o atual presidente do Mariposas. Atualmente desempregado, ele passa quase o dia inteiro na sede do bloco, na Luiz Tarquínio, cuidando dos últimos detalhes para o desfile da entidade no Carnaval de

91. Solteiro, "Betão" mora com a família na Rua da Palestina — transversal da Rua Conselheiro Zacarias, onde está instalada a Chadler — e a maior queixa que tem do bairro é com relação à poluição causada pela fábrica de chocolate. Hoje ele tem alergia respiratória e apóia todas as campanhas da comunidade para a retirada da Chadler. "Betão" também reclama de problemas estruturais do bairro, como a precariedade da rede de esgotos, mas ainda acha que é um bom lugar para viver, "por causa da tranquilidade".

QUEM/Lourival Pires

Resistência operária



Ele ainda pensa em resgatar o antigo trabalho do Círculo Operário e sofre com toda a decadência atual

O amor que tem pelo Círculo Operário da Bahia é tão grande, que Lourival Valério Pires, 52 anos, não esquece nem o número da carteira de associado, guardada desde 1962. "É 21.765", diz, convicto, lembrando que tudo começou quando ele resolveu estudar à noite no Círculo. Hoje, completando cinco anos na presidência da entidade, Lourival sofre ao ver a decadência daquilo que também ajudou a construir e sonha pelo menos fazer "uma cópia do que existiu antes".

Quando não está resolvendo os problemas administrativos do Círculo — que só arrecada o suficiente para cumprir os encargos sociais — ele se dedica à família e cultiva uma vida tranqüila na Ribeira. Casado pela segunda vez há três anos — o primeiro casamento durou 15 —, Lourival tem cinco filhos e se orgulha de ter conseguido quase tudo que quis sempre com "muita coragem". É este o segredo que, para ele, une todos os trabalhadores em torno de objetivos comuns. "Por um ideal deve-se trabalhar sempre", ensina.

A tranqüilidade é um dos maiores atrativos do lugar

O QUE/Circulo Operário

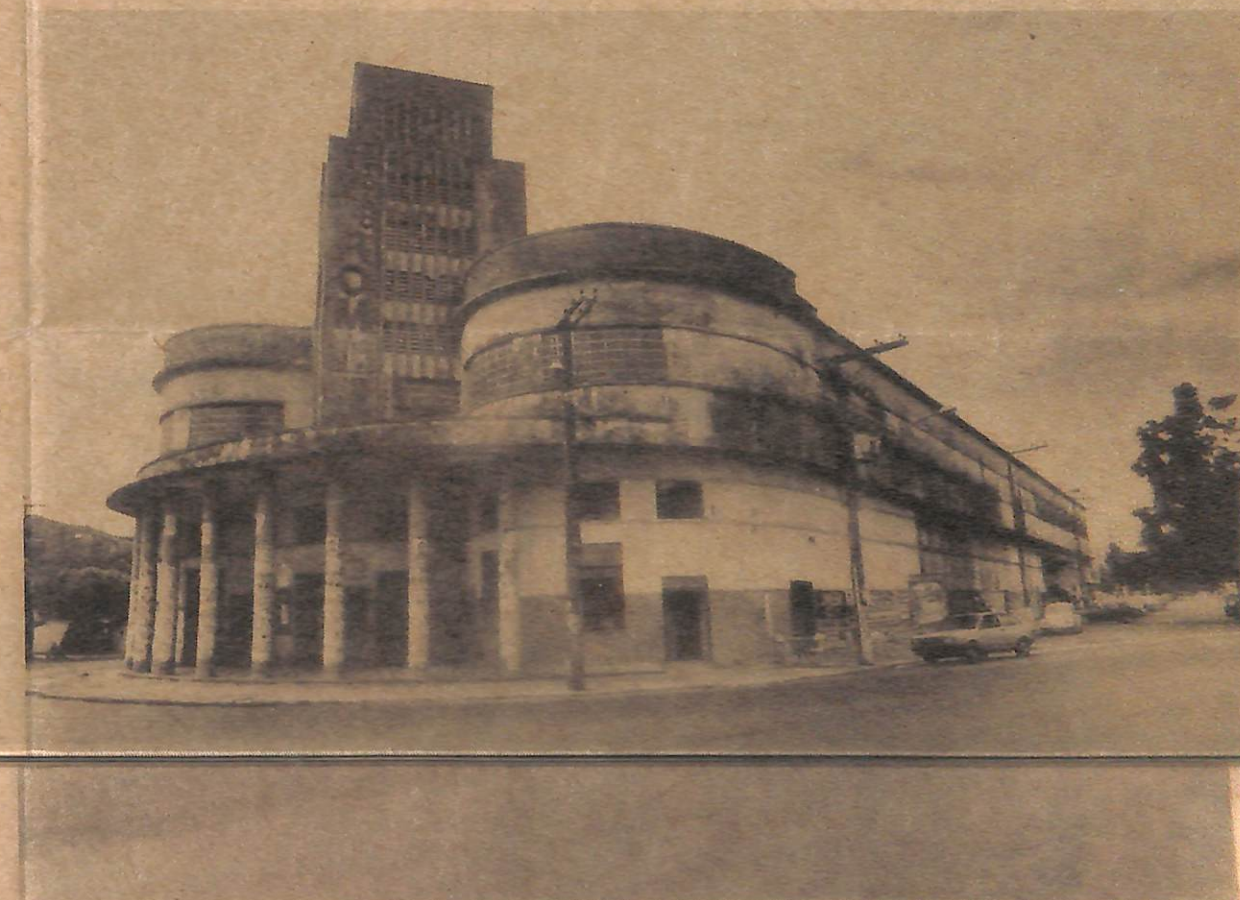
Quem passa hoje pelo Largo de Roma e observa a construção quase em ruínas que ocupa parte da Avenida Luiz Tarquínio e chega até o Hospital Santo Antônio custa a acreditar que ali ainda funciona o Círculo Operário da Bahia, entidade filantrópica fundada em 1936. À sua história, funde-se a trajetória dos moradores mais antigos do bairro, que também assistiram de perto ao nascimento e a decadência do Cine-Teatro Roma, um dos mais tristes momentos já vividos por este que foi um espaço cultural importante da cidade.

O Círculo Operário surgiu através de um grupo organizado por Frei Edebrando que, logo de início, contou com o apoio de Irmã Dulce, na época iniciando sua peregrinação nas ruas da Cidade Baixa. A entidade criada para servir os trabalhadores — oferecendo cursos, seminários, escolas e assistência médica — acabou

partidos de esquerda, sediando reuniões e debates políticos. Hoje, quase nada sobrou da proposta inicial e o Círculo só conta com um curso de datilografia, a escola primária Santo Antônio e o ginásio Augusto Lopes Pontes, este último mantido pelo estado.

O Cine-Teatro Roma também foi abandonado há dez anos e, apesar das campanhas da comunidade, nunca foi reativado. A renda obtida com o cinema era direcionada à manutenção do Círculo que hoje sobrevive

Em defesa do trabalhador



O local, criado para ajudar na integração dos trabalhadores, virou reduto político

através do aluguel de oito salas do prédio que ainda estão bem conservadas. Há mil associados, em média, que mantêm em dia a mensalidade de Cr\$50. Integrado a este quadro de decadência, o nome do Cine-Teatro

Roma permanece vivo na memória dos roqueiros inveterados, que viram iniciar ali, na década de 60, a trajetória do grupo Raulzito e seus Panteiras que fazia shows semanais bastante concorridos. Na contramão do

movimento intelectual sediado no então recém-inaugurado Teatro Vila Velha, com líderes como Caetano Veloso e Gilberto Gil, Raul Seixas encantava a juventude da época com o mais puro rock'n'roll. (A.P.R.)

De um lado, a renovação do Cheiro de Amor. Do outro, a irreverência do Mariposas de Roma. Entre os dois estilos, não há disputa pela preferência dos moradores do bairro. Tanto o Cheiro quanto o Mariposas têm lugar garantido na história do local e fazem questão de manter a tradição e expor as origens. No Carnaval de Salvador, Roma já conquistou seu espaço.

Na Rua Antônio Francisco Brândão, uma casa de dois pavimentos, funciona como sede administrativa e estúdio da banda do Cheiro de Amor. O bloco nasceu em 1980, com uma diretoria composta por moradores da Península Itapagipana. A discriminação inicial sofrida por se tratar de uma entidade da Cidade Baixa — quando, tradicionalmente, os mais importantes blocos de Carnaval tinham sede em bairros nobres — foi rebatida pelo Cheiro com o carisma irresistível na avenida e pelo grande sucesso da banda.

Sucesso — Há quatro anos a sede social do bloco funciona na Barra, mas a diretoria faz questão de manter o escritório de Roma. É a única entidade do Carnaval baiano que mantém duas sedes e a tradição de inovar na avenida. O Cheiro de Amor já jogou perfume, confete, serpentina e até rosas para os foliões. No ano passado, ao com-

pletar dez anos de existência, os associados comemoraram no melhor estilo: brindando com champagne. Do preconceito ao sucesso, o Cheiro é hoje um dos mais requisitados blocos da cidade e sai este ano com 1.700 integrantes.

Sem ter que lutar tanto para se afirmar, dentro do esquema oficial do Carnaval, por já ter nascido com uma proposta essencialmente marginal, o Mariposas de Roma está registrado oficialmente há cinco anos, apesar de ter sido fundado em 1969. A sede fica num casarão de dois pavimentos em frente ao Círculo Operário, na Avenida Luiz Tarquínio. Uma média de 600 a mil pessoas desfilaram neste bloco de travestidos, que foi campeão do Carnaval em 89 e vice no ano passado.

Tradicionalmente, a fantasia dos componentes não é padronizada e todos podem usar e abusar da criatividade. A marca do bloco é um adereço especial — leques, fitas e até borboletas. Mas a proposta é criar uma fantasia única no ano que vem, para evitar as adesões de última hora — aqueles que não são associados e aproveitam a infra-estrutura do bloco para passar um Carnaval mais tranqüilo. A irreverência é o ponto alto desta entidade que dá um toque especial ao Carnaval de rua de Salvador.

Tranquilidade — O Largo de Roma, apesar da área verde, não tem opções de lazer para a comuni-

É ele o líder da campanha que conseguiu impedir a renovação do alvará de funcionamento da Chadler no local.

QUEM/Alberto Barreto

Folião das Mariposas



Ele é técnico em Educação Física, mas ignora todos os preconceitos e desfila no bloco dos travestidos

Ele é técnico em Educação Física há dez anos. Mas, nas horas vagas, troca os movimentos viris dos ginásios de esporte pelo ambiente descontraído da sede do Mariposas de Roma, um bloco de travestidos, fundado há 22 anos. Ignorando os preconceitos, Alberto Lázaro Sá Barreto, o "Betão", 31 anos, mora em Roma há 25 e é o atual presidente do Mariposas. Atualmente desempregado, ele passa quase o dia inteiro na sede do bloco, na Luiz Tarquínio, cuidando dos últimos detalhes para o desfile da entidade no Carnaval de

91.

Solteiro, "Betão" mora com a família na Rua da Palestina — transversal da Rua Conselheiro Zacarias, onde está instalada a Chadler — e a maior queixa que tem do bairro é com relação à poluição causada pela fábrica de chocolate. Hoje ele tem alergia respiratória e apóia todas as campanhas da comunidade para a retirada da Chadler. "Betão" também reclama de problemas infra-estruturais do bairro, como a precariedade da rede de esgotos, mas ainda acha que é um bom lugar para viver, "por causa da tranquilidade".

QUEM/Lourival Pires

Resistência operária



Ele ainda pensa em resgatar o antigo trabalho do Círculo Operário e sofre com toda a decadência atual

Amor que tem pelo Círculo Operário da Bahia é tão grande, que Lourival Valério Pires, 52 anos, não esquece nem o número da carteira de associado, guardada desde 1962. "É 21.765", diz, convicto, lembrando que tudo começou quando ele resolveu estudar à noite no Círculo. Hoje, completando cinco anos na presidência da entidade, Lourival sofre ao ver a decadência daquilo que também ajudou a construir e sonha pelo menos fazer "uma cópia do que existiu antes".

Quando não está resolvendo os problemas administrativos do Círculo — que só arrecada o suficiente para cumprir os encargos sociais — ele se dedica à família e cultiva uma vida tranquila na Ribeira. Casado pela segunda vez há três anos — o primeiro casamento durou 15 —, Lourival tem cinco filhos e se orgulha de ter conseguido quase tudo que quis sempre com "muita coragem". É este o segredo que, para ele, une todos os trabalhadores em torno de objetivos comuns. "Por um ideal deve-se trabalhar sempre", ensina.



A tranquilidade é um dos maiores atrativos do lugar

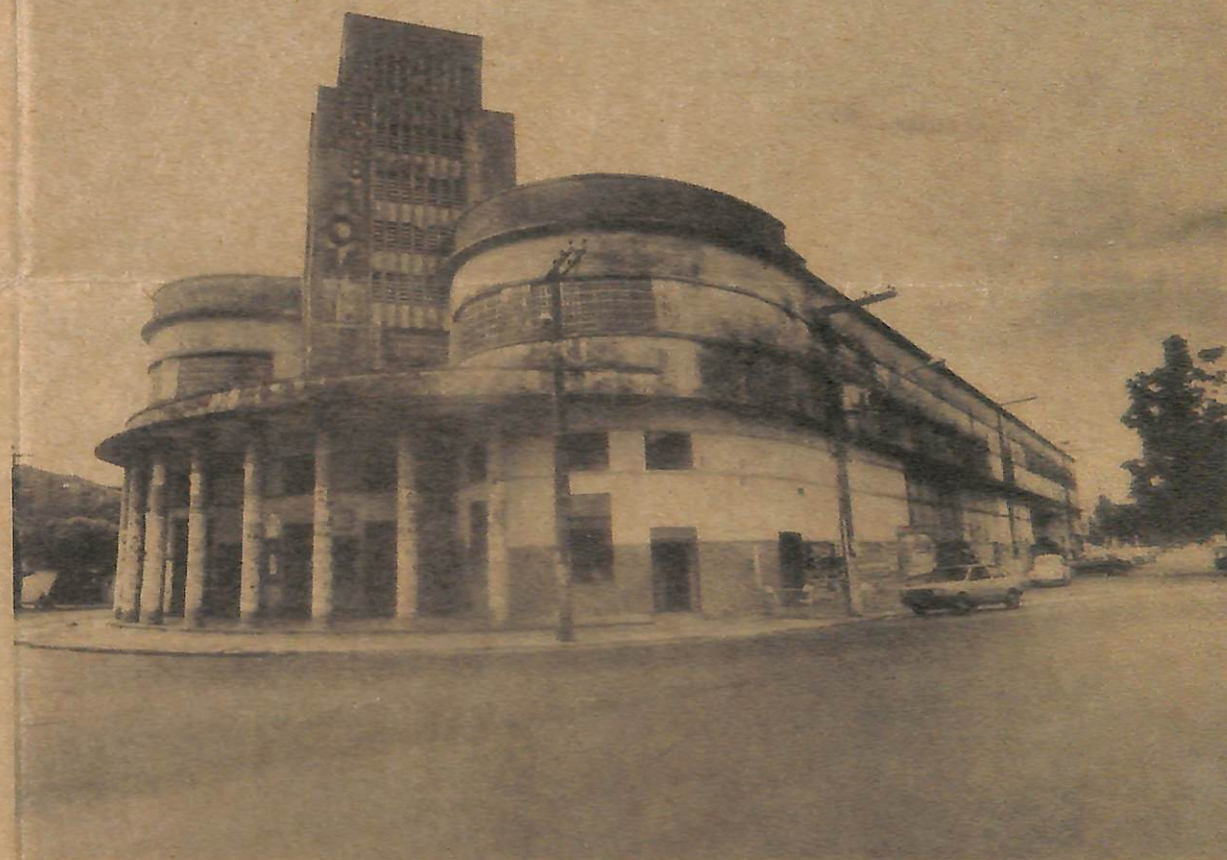
O QUE/Círculo Operário

Em defesa do trabalhador

Quem passa hoje pelo Largo de Roma e observa a construção quase em ruínas que ocupa parte da Avenida Luiz Tarquínio e chega até o Hospital Santo Antônio custa a acreditar que ali ainda funciona o Círculo Operário da Bahia, entidade filantrópica fundada em 1936. À sua história, funde-se a trajetória dos moradores mais antigos do bairro, que também assistiram de perto ao nascimento e a decadência do Cine-Teatro Roma, um dos mais tristes momentos já vividos por este que foi um espaço cultural importante da cidade.

O Círculo Operário surgiu através de um grupo organizado por Frei Edebrando que, logo de início, contou com o apoio de Irmã Dulce, na época iniciando sua peregrinação nas ruas da Cidade Baixa. A entidade criada para servir os trabalhadores — oferecendo cursos, seminários, escolas e assistência médica — acabou se transformando num reduto dos partidos de esquerda, sediando reuniões e debates políticos. Hoje, quase nada sobrou da proposta inicial e o Círculo só conta com um curso de datilografia, a escola primária Santo Antônio e o ginásio Augusto Lopes Pontes, este último mantido pelo estado.

O Cine-Teatro Roma também foi abandonado há dez anos e, apesar das campanhas da comunidade, nunca foi reativado. A renda obtida com o cinema era direcionada à manutenção do Círculo que hoje sobrevive



O local, criado para ajudar na integração dos trabalhadores, virou reduto político

através do aluguel de oito salas do prédio que ainda estão bem conservadas. Há mil associados, em média, que mantêm em dia a mensalidade de Cr\$50. Integrado a este quadro de decadência, o nome do Cine-Teatro

Roma permanece vivo na memória dos roqueiros inveterados, que viram iniciar ali, na década de 60, a trajetória do grupo *Raulzito e seus Panteiras* que fazia shows semanais bastante concorridos. Na contramão do

movimento intelectual sediado no então recém-inaugurado Teatro Vila Velha, com líderes como Caetano Veloso e Gilberto Gil, Raul Seixas encantava a juventude da época com o mais puro rock'n'roll. (A.P.R.)

tiros, não há disputa pela preferência dos moradores do bairro. Tanto o Cheiro quanto o Mariposas têm lugar garantido na história do local e fazem questão de manter a tradição e expor as origens. No Carnaval de Salvador, Roma já conquistou seu espaço.

Na Rua Antônio Francisco Brândão, uma casa de dois pavimentos, funciona como sede administrativa e estúdio da banda do Cheiro de Amor. O bloco nasceu em 1980, com uma diretoria composta por moradores da Península Itapagipana. A discriminação inicial sofrida por se tratar de uma entidade da Cidade Baixa — quando, tradicionalmente, os mais importantes blocos de Carnaval tinham sede em bairros nobres — foi rebatida pelo Cheiro com o carisma irresistível na avenida e pelo grande sucesso da banda.

Sucesso — Há quatro anos a sede social do bloco funciona na Barra, mas a diretoria faz questão de manter o escritório de Roma. É a única entidade do Carnaval baiano que mantém duas sedes e a tradição de inovar na avenida. O Cheiro de Amor já jogou perfume, confete, serpentina e até rosas para os foliões. No ano passado, ao com-

preconceito ao sucesso, o Cheiro e no-je um dos mais requisitados blocos da cidade e sai este ano com 1.700 integrantes.

Sem ter que lutar tanto para se afirmar, dentro do esquema oficial do Carnaval, por já ter nascido com uma proposta essencialmente marginal, o Mariposas de Roma está registrado oficialmente há cinco anos, apesar de ter sido fundado em 1969. A sede fica num casarão de dois pavimentos em frente ao Círculo Operário, na Avenida Luiz Tarquínio. Uma média de 600 a mil pessoas desfilaram neste bloco de travestidos, que foi campeão do Carnaval em 89 e vice no ano passado.

Tradicionalmente, a fantasia dos componentes não é padronizada e todos podem usar e abusar da criatividade. A marca do bloco é um adereço especial — leques, fitas e até borboletas. Mas a proposta é criar uma fantasia única no ano que vem, para evitar as adesões de última hora — aqueles que não são associados e aproveitam a infra-estrutura do bloco para passar um Carnaval mais tranquilo. A irreverência é o ponto alto desta entidade que dá um toque especial ao Carnaval de rua de Salvador.